

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

VI

Nesta série de artigos, escritos ao correr da pena, não com aqúella maestria tão só dos profissionais do jornalismo, mas guiados, apenas, pela nossa consciência, declaramo-nos, desde o princípio, em desacôrdo com os partidários da intervenção directa do *partido*—permita-se-nos o termo—na actual conflagração. Individualmente, porém, cada um é senhor de si mesmo e assiste-lhe o direito de dispôr como quizer ou melhor entender da sua vida, embora em harmonia com as doutrinas anarquistas.

Entre os partidários da intervenção e os indiferentes, isto é, os que deixam singrar o barco ao som das ondas, nós preferimos os primeiros aos segundos, pois, que estes, aferrados ao proverbial não tales, jámais se convencerão de que é uma necessidade combater a guerra, ao passo que aquelles apenas se convencem de que labram no erro, virão para o nosso lado combater com o entusiasmo que os caracteriza, agindo enérgicamente de acôrdo connosso. Certo que o erro é lamentável; mas ninguém deve ser condenado só porque errou; e a sua condenação só poderia tomar apparencias de justa quando, tendo reconhecido o erro, persistissem nele.

Errare humanum est, diz a filosofia do povo; e nós não somos tão intolerantes que repudiemos em absoluto aquélla máxima latina.

O que os outros dizem e fazem não nos leva a lançar anátemas e excomunhões *infalíveis* sobre os que enveredaram por um caminho tortuoso.

Não nos cega o facciosismo de seita, nem o nosso temperamento permite que façamos côro com os que duma maneira mais ou menos dura apreciam a attitude dos intervencionistas, sendo o nosso objectivo, em resumo, demonstrar que a guerra européa é, como todas as guerras, uma luta de antagonicos interesses capitalísticos e nunca de libertação, e que, por esse facto, os anarquistas se devem abster de participar d'ella, pois de qualquer lado que se coloquem estarão sempre em opposição aos verdadeiros interesses do proletariado.

O estafado bordão de que é uma necessidade inelutavel o aniquilamento do militarismo tudésco é um ardil demasiadamente grosseiro. E' que para o aniquilar, ajudando os aliados, é inconfutavel que reforçarão qualquer dos outros militarismos, seja elle inglês, francês ou russo, dando-se o caso, um tanto ou quanto paradoxal, de nos libertarmos duma epidemia com outra epidemia.

Mas, adusem os intervencionistas, esmagado o militarismo alemão, nós trataremos de esmagar o que se manifestar mais potente. A tésé é difficil de defender, visto que, embodidos na luta, passar-nos-ia despercebido este ponto capital: o tempo que gastarmos em esmagar o segundo militarismo será sufficiente para que o primeiramente aniquilado se refaça da derrota e nos surpreenda pelas costas quando, para de novo lutarmos com elle seja tarde de mais. Além disso a nossa tarefa eternisar-se-ia e nós terminariamos por ser reduzidos á expressão mais simples, redundando inútil todos os nossos sacrificios.

Outro aspecto do conflijo já nas colunas da «Aurora» o salientamos. O poder *espiritual* do sumo representante da igreja católica, apostolica, romana, será um duro freio para os revolucionários dos países para cujo lado o santo padre se inclinar, e designadamente para os italianos que são quem mais proximo de si tem o centro motor do poder papal, que, ameaçada por qualquer movimento revolucionário a integridade da igreja, solicitará *in continenti* o auxilio dos seus aliados temporais.

E a França? Ah! a França! Nós não confundimos Estados com Povos. A França é alguma coisa, mas não é tudo. Para nós convenceremos de que a França não é um país tradicionalmente revolucionário, basta-nos ler Edgard Quinet, na *Historia da Revolução Francesa*; e cometemos um erro se julgamos que o povo francês é

um povo eleito para redimir os demais povos. Não negamos, porém, que desde a grande revolução o povo francês tem prestado á humanidade relevantes serviços. 89, 48, 71 não se esquecerão facilmente; mas nem só a França se deve a nossa civilização. Para ella teem concorrido, por assim dizer, quase todos os povos europeus.

Todas as nossas simpatias, derivadas talvez das afinidades de raça, convergem para a França, para essa França popular que sacrificou muitos dos seus filhos em holocausto á liberdade; e quando ha anos Krapotkine aconselhava a defesa da França, numa carta ou artigo, o dr. João de Menezes, parece-nos que na *Lucta*, estabeleceu um paralelo entre o modo de ver do nosso camarada russo e o dos anarquistas portugueses na maneira como um e outros interpretavam a Patria e a Republica e a sua defesa.

Já então nós, o mais humilde e ignorante, sem modéstia, creiamos—dos anarquistas portugueses, replicavamos ao sr. *Conselheiro* que Krapotkine aconselhava a defesa da França, por a França ser o que de facto é, não por a França ser uma Republica, nem tão pouco uma Patria. Assim, fica aclarado o nosso objectivo no que se relaciona com a guerra.

Gulpilhares, 1915.

GIORDANO BRUNO

Acêrca do congresso

Promovido pelo Ateneu Sindicalista de Ferrol deverá realizar-se, nessa localidade, como é do domínio de todos, um congresso internacional das forças revolucionárias no dia último do mez corrente e no primeiro e segundo de Maio próximo.

Da effectivação dessa grandiosa reunião—como é dado esperar pelo entusiasmo despertado e pelas adesões recebidas—decerto alguma coisa de pratico e útil resultará conducente ao fim desejado. Mas, muito embora os meios a adoptar tendentes á cessação da horrorosa carnificina e á repetição de idénticas façanhas, não sejam exequíveis, a celebração do congresso não será improfiqua, despida de vantagens; não se aventarão trabalhos, aclararão idéas e delinearão attitudes aproveitáveis de futuro, mórmente para a organização e solidariedade do operariado internacional.

Além disso teremos esboçado uma rasgada, expressiva e ingente afirmação de princípios e contribuído a favor da paz, á *outrante*, conformemente, a nossa pujante energia e a decidida actividade que nos anima, comprovando a unidade moral de todos os libertários e desmantelando a—já resmo-neada—falência revolucionária.

Perante as graves conjunturas do momento, agora que a humanidade se encontra na contingência de regressar a um passado de obscurantismo e barbarie e ficar condenada á perda das conquistas realisadas no campo das idéas progressivas, o povo trabalhador, sem distincão de raças, deve acudir a formular o seu protesto veemente e indignado, afirmando duma maneira inequivoca e conclusante, que está vigilante e disposto a intervir, como fór necessário, e ir até onde necessário fór.

Nesta hora trágica de responsabilidades, em que corre abundantemente o sangue de irmãos nossos, em holocausto á infame classe burguesa, que ninguém perjure a missão grandiosa e indeclinavel de libertação e vindicta.

Que todos recordem que os aspectos a tomar e os resultados da tremenda luta dependem da acção que o operariado fór capaz de desenvolver.

Do congresso de Ferrol outra obra de manifesta grandiosidade temos a esperar: o estabelecimento duma aproximação ibérica entre os trabalhadores, cuja necessidade se revela, para a defesa de direitos comuns no interesse geral do proletariado da Península. Lançando-se as bases dum en-

tendimento entre os trabalhadores portugueses e hespanhois ter-se-há apianado caminho, trabalhando para uma solidariedade mais vasta: a unificação do proletariado mundial.

Aos elementos libertários, cabe um importante papel nesta obra.

Que todos contribuirão na medida das suas forças, esperámo-lo.

Avante, pois, pelo Congresso!

A. A. NUNES

CARTA DE MADRID

O grupo anarquista *Los Iguales*, com a adesão de muitas sociedades operárias desta capital e de toda a Espanha, realisou, no passado dia 28, um grande comicio para reclamar a libertação dos presos por questões sociais.

Impontentemente concorrido, neste comicio, em que usaram da palavra muitos camaradas nossos, atacou-se severamente o celeberrimo decreto de amnistia de 28 de Novembro, o qual só serviu a políticos e a arrivistas que foram postos em liberdade, quanto aos nossos camaradas, esses continuaram na mesma: ninguém lhes abriu as portas da prisão.

Por outro lado, a policia redobrou de ferocidade, perseguindo e prendendo todos os individuos que intemeratamente lutam pela emancipação dos oprimidos; nas greves, então, acutila canibalescamente os pobres operários que reclamam mais um bocadinho de pão. A situação é, portanto, intoleravel e no comicio todas estas patifarias cometidas pelas autoridades locais de harmonia com os governos, foram postas a nú.

Tambem usou da palavra o deputado republicano Barriobierro que deu uma tunda formidavel nesta monarchia carcomida, e afirmou que o triunfo do proletariado só se pode conseguir por meio da revolução.

A este comicio, outros se vão seguir; e creio que desta agitação algum proveito advirá, não só para a nossa causa como para libertar os nossos inolvidaveis companheiros das garras sinistras da autoridade.

Ai vai um exemplo sublime que to los os operários devem conhecer.

O governo determinou conforme a sentença dos juizes, que duas mulheres de Pontevedra fossem garrotadas, para expiarem assim um crime que lhe imputavam. O povo daquela localidade protestou solenemente contra o acto—visto que a um crime não se deve responder com outro crime—mas o governo fêz ouvidos de mercador.

Então, como era preciso construir ali um cadafalso para o crime se levar a effeito, os negociantes recusaram-se a vender a madeira necessária, isto porque, em antes desse jesto, os trabalhadores se negaram terminante a cooperar na construção dessa maldita maquina de morte. O mesmo fizeram os trabalhadores doutras localidades, os quais declararam publicamente que não consentiriam que os seus irmãos do trabalho auxiliassem o governo numa obra que representa o retrocesso da civilização e do progresso.

Em face do que se passou e do movimento de protesto cada vez mais grandioso, o governo não teve outro remédio senão lançar mão dum decreto e dar o dito por não dito, pondo as duas mulheres em liberdade. As justissimas reclamações dos que trabalham tiveram, por esta forma, uma solução lógica e conforme: as mãos assassinas do carasco não se tingiram no sangue preciosissimo dessas duas victimas do pútrido meio social presente.

Trabalhadores! Ponde os olhos neste exemplo, e vede como a vossa força é poderosa e magnánima. O ponto está em saberdes usar dela.

J. DA SILVA OLIVEIRA

Pedro Krapótkine

No número de 28 de Março de *La Batallle Syndicaliste*, alguém que assina com a inicial G. deu-nos a triste noticia duma grave enfermidade de Krapótkine, que sofrera uma demorada operação e ia sujeitar-se a outra. Receava-se muito pela sua vida, por dois motivos: a sua avançada idade e o abalo nele causado pelos acontecimentos. Circunstancia esta muito natural num homem de grande coraçao, como Krapótkine. E qual o homem sincero que, nestes ultimos tempos, não deve aos acontecimentos insónias e torturas? Não se disse o mesmo de Lorenzo?

Dando-nos a noticia, G. julgou a propósito—bem fora de propósito—falar da contenda relativa á guerra. Segundo elle, «Krapótkine não pertence a esses socialistas e anarquistas que, por uma espécie de dogma antimilitarista, se esquecem facilmente de que são tambem revolucionários tendo o dever de defender os frutos das revoluções anteriores. Ora, precisamente, nós entendemos que quem se esquece disso—das revoluções passadas, presentes e futuras e seus frutos—são os outros, pondo-se ao lado dum grupo de Potências! Verdade seja que G. nos considera por isso «mais estreitos, menos perspicazes»—juizo que faz sempre, naturalmente, dos adversários.

Quanto ás «censuras amargas e insinuações múltiplas» que magoaram profundamente o grande coração e o elevado espirito de Krapótkine, não vimos muito disso, na imprensa anarquista; e se todas essas censuras e insinuações são tam verdadeiras como a que foi atribuida a *Volonté*, um dos jornais mais sérios e calmos na discussão que conhecemos, são então uma fantasia de amigos comprometedores, a quem faltam os argumentos. O que mais temos lido são carinhosos affirmações de respeito pela grande sinceridade e boa-fé indiscutíveis de Krapótkine.

Que alguns sectários tenham soldado destemperos é muito provavel: é coisa inevitavel e não deve surpreender nem ferir um homem de alta condescendência pelas fraquezas humanas.

É possivel tambem que tenha sofrido, vendo que os anarquistas, salvo uma pequena minoria, não aceitaram o seu ponto de vista, do mesmo modo que a attitude de Krapótkine e outros precipitou a morte de Anselmo Lorenzo, segundo afirma a familia d'este; mas por outro lado, a discussão é-lhe certamente agradável e consola-o por certo o espectácullo de homens que não vão cegamente atrás de outros por mais estimados e reputados que sejam. Nem seria possível deter o pensamento e a discussão só para evitar desgostos aos amigos! Ninguém e pretende, sem dúvida.

Em suma, nesta questão, seriam bem dispensáveis certas affirmações, que parecem destinadas a servir de argumentos—aliás de bem mau gosto.

Publicações

A Verdade—Panflêto mensal de que é autor o senhor Valentim Rodrigues Barroca, do visinho concelho de Gaia. A leitura do número que temos presente, deixou nos mal impressionados: a lógica parece-nos estrambótica de mais; o ataque estapafúrdio em extremo. O panflêto requer cuidado e estudo na sua maanufatura. E' o que a *Verdade* não tem. Isto o dizemos com aquélla sinceridade que nos caracteriza.

A sua redacção é na rua Luis de Camões, 256, Gaia.

Na Barricada—Com este titulo e com o subtitulo «A quinzena social», iniciou no Rio o camarada Orlando Correia Lopes, nome que os nossos leitores já conhecem, a publicação dum panflêto quinzenal (Rua Visconde de Itamarati, 70, Rio de Janeiro).

Orlando Correia Lopes começa por apresentar as razões desta publicação; mas isso no fim de contas, pouco nos importa. O que se quer é que ella faça bom serviço, coisa que fica desde já garantida com o primeiro número acabado de chegar ás nossas mãos. Elegante veste tipográfica, elegante formato, riqueza e justeza de ideas, estilo vivo e límpido, assuntos variados e bem tratados—são qualidades bastantes para o bom desempenho da sua missão.

Além de questões brasileiras, naturalmente tratadas de modo que nos interessam a todos nós, os que fora do Brazil travamos o mesmo combate, o primeiro número occupa-se de assuntos internacionais, como a guerra, e dedica duas interessantes páginas á situação política em Portugal.

Que a nova publicação amigavelmente viva por muitos anos—e nós que lheos contemos, claro está!...

Reivindicador—Assim intitulado, começou a publicar-se nesta cidade um quinzenario defensor dos officiaes de barbeiro.

A sua redacção é na rua de Cedofeita.

O Caixaero do Sul—Com o titulo acima tambem encetou a sua publicação em Beja um quinzenario defensor dos empregados no commercio.

Tem a sua redacção na rua da Ferraria, 5—1.º

Avantel...—E' esta a denominação dum quinzenario socialista de Lisboa.

Encontra-se instalado na rua do Bemfornoso, 150—1.º

Saudamos os novos colegas e com satisfação permutaremos.

Vida Anarquista

Propaganda Libertária.—Hoje pelas 20 horas reúne este grupo no local do costume. Em virtude da importancia dos assuntos a tratar, espera-se que ninguém falte.

União Anarquista Comunista da Região do Sul.—Hoje realisa-se na Travessa Agua de flor, 55, uma reunião promovida por esta União afim de se tomarem deliberações sobre o Congresso Internacional que ha-de celebrar-se no Ferrol nos dias 30 de Abril e 1 e 2 de Maio próximos. Necessita-se, portanto, a comparencia de todos os camaradas, agrupados ou não.

A todos os camaradas que em seu poder conservem listas, com ou sem donativos, para o custeamento das despesas com os delegados a enviar ao Congresso Anarquista que se devia ter effectuado em Londres em Agosto do ano findo, pede se para que as remetam, endereçando-as ao secretario para tal fim incumbido.

Os camaradas desta União foram no domingo transacio a L'ires, em missão de propaganda, realisando na secção da Construcção Civil dessa vila, uma sessão de propaganda doutrinária que esteve concorridissima. Falaram os camaradas: B. Santos, M. Campos, A. Figueira e Cruz, que fizeram uma larga e clara exposição do ideal libertario e atacaram com veemencia as classes dominantes que lançaram os trabalhadores da Europa na mais tigrina luta que a humanidade conhece. Fez-se, em uma bela sementeira das ideas emancipadoras.

Tambem esta União levará á pratica dois comicios publicos a favor da paz, um em Setubal, no dia 1 de Maio e outro em Lisboa no dia 2 do mesmo mez. Para se fazer profundamente distribuir esta sendo impresso um manifesto, afim de preparar a opinião pública para os comicios que se esperam effectuar.

Filhos da Comunidade—(Foz)—Reuniu no último domingo para se occupar de vários assuntos, entre elles aprovar as contas da receita e despesa.

Recebido dum sorteio . . . 12,005
de cotização voluntária . . . 2,475
auxilio . . . 5,470

Soma . . . 20,950

Gasto com dois camaradas que se ausentaram . . . 22,571

Deficit . . . 2,621

Nucleo Juventude Libertaria (Lisboa).—Iniciara brevemente uma serie de conferencias, sob diversos temas tais como: *Neomalthusianismo, A questão religiosa perante a evolução social, Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo, A emancipação da mulher*, etc, etc.

Prevenimos os camaradas associados que está aberta a inscri-